

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

O MUNDO DOS SONHOS TRANSPORTADOS PARA OS POEMAS DE CECÍLIA MEIRELES

THE WORLD OF DREAMS TRANSPORTED INTO THE POEMS OF CECÍLIA MEIRELES

Joyce Nascimento Silva¹

Resumo: No que compete aos poemas de *Ou isto ou aquilo* (1964), escritos por Cecília Meireles para o público infantil, eles transportam o pequeno leitor a um mergulho no mundo de certezas e incertezas, de fantasias e de escolhas que principiam na capa do livro e se encerram no último poema e na última ilustração. Trata-se de uma viagem em letras, versos, cores, traços, formas e imagens do universo da criança, daquilo que existe do período pueril. O escopo do estudo, portanto, centrou-se em analisar alguns poemas publicados na obra mencionada anteriormente, com o intuito de promover um estudo aprofundado sobre a temática dos sonhos presente na poética de Cecília Meireles para o público infantil.

Palavras-chave: Poemas infantis. Mundo dos sonhos. Cecília Meireles.

Abstract: In what is up to the poems of *Ou isto ou aqui* (1964), written by Cecília Meireles for children, they carry the little reader to a dive into the world of certainties and uncertainties, fantasies and choices that begin on the cover of the book and end in the last poem and the last illustration. It is a journey in letters, verses, colors, traces, shapes and images of the child's universe, of what exists from the puerile period. The scope of the study, therefore, focused on analyzing some poems published in the previously mentioned work, in order to promote an in-depth study on the theme of dreams present in Cecília Meireles' poetry for children.

Key words: Children's poems. Dreams' world. Cecília Meireles.

Introdução

Os poemas e as ilustrações de *Ou isto ou aquilo*, escritos por Cecília Meireles e ilustrados por Odilon Moraes para o público infantil, transportam o pequeno leitor, e igualmente o adulto, a um mundo de certezas e incertezas, de fantasias e de escolhas, que principiam no título do livro e em sua

¹ Especialista em Literatura Brasileira pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), pós-graduanda em Literatura Infantil e Juvenil pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: joycenascimento347@yahoo.com.br.

ANAIIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

imagem. A ilustração da capa de sétima edição é idêntica à ilustração do poema “Ou isto ou aquilo”, nela aparecem duas janelas abertas com cenários opostos. Na janela esquerda, há uma escada que dá acesso ao lindo céu azul ensolarado; na janela direita, há um balanço e um guarda-chuva do lado de dentro, enquanto do lado de fora chove.

A brincadeira tem início nesta imagem e no título da obra, o qual ratifica o poder de escolha ao apontar alternativas. Ainda sobre a capa do livro, fica explícito que existe mais de um caminho, isto é, mais de uma opção para o jovem leitor escolher, pois no fim todas elas levam para a mesma direção: o mundo dos sonhos das crianças. Esse mundo projetado no poema “Ou isto ou aquilo” mostra a todo tempo o sujeito poético relatando as potências da capacidade de decidir.

Além do poema-título, todos possuem ilustrações que ora podem estar localizadas no canto direito ou esquerdo das páginas, ora as ocupam por inteiro. É uma verdadeira obra-prima em matéria de livro, pois faz com que o leitor, o infantil e o adulto, adentre este universo da infância que começa pela capa e vai até o último poema, homônimo à obra.

Trata-se de uma viagem em letras, versos, cores, traços, formas e imagens do universo da criança, daquilo que existe nos anos de inocência. Cada detalhe atrai e aprisiona o leitor na construção poética como um todo. É um espetáculo na forma de livro que, a cada releitura, gera uma nova percepção e sensação ao adentrar o reino infantil.

Não se trata de um livro brinquedo, mas traz em sua composição o mesmo encantamento contido neste tipo de obra. Traduz, ainda, a magia de poder escolher o que vivenciar: seja em “Ou isto ou aquilo”, numa “Pescaria”, contando “Os carneirinhos”, conhecendo o “Rio na sombra”, ou viajando por entre o “Sonho de Olga”, por exemplo.

Essa viagem poética faz com que o leitor explore as camadas do texto, as texturas sobre as formas, e permite que realize uma fantástica jornada, debruçando-se sobre a arte que os olhos vislumbram, o coração sente e a alma se encanta, como somente brincadeira de criança consegue fazer.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Jouve (2002) “afirma que a leitura é igualmente um ato de viagem, posto que transporta o leitor para outro lugar e, nesse processo, enriquece-o com novas experiências”. A leitura, portanto, retira temporariamente o leitor de sua própria realidade e direciona-o para o fictício. Quando retorna ao real, ele então se encontra já “nutrido” de ficção. A escrita de Cecília Meireles, juntamente com as ilustrações de Odilon Moraes, recria o espaço pertencente à criança. Em cada folhear de páginas é possível identificar o universo dos pequenos leitores, perceber que até mesmo que as dúvidas, típicas desta fase da vida, transformam-se em diversão.

Os sonhos, que sempre estiveram presentes nas obras de Cecília, estão por toda parte no livro, sobretudo nos poemas “A bailarina”, “Sonhos da menina”, “O sonho e a fronha” e “Sonho de Olga”. Tratam-se de textos que fazem o leitor infantil se encantar e de pronto se conectar com as fantasias e brincadeiras inerentes à sua fase; no leitor adulto, provoca rememoração da infância, quando sua maior preocupação era apenas ser criança e sonhar.

Sonhos transformados em poemas

A poesia “parece condenada a dizer apenas aqueles resíduos de paisagem, de memória e de sonho” (BOSI, 1977, p. 142). As características descritas por Alfredo Bosi em *O ser e o tempo da poesia* são encontradas nos versos de “A bailarina”, escrito por Cecília Meireles para a obra *Ou isto ou aquilo*.

A voz poética desse poema declara que uma menina, cujo nome não é posto no título ou ao longo dos versos, anseia ser bailarina. “Esta menina / tão pequenina / quer ser bailarina.” Nota-se que, por meio da utilização do pronome demonstrativo “esta”, o sujeito lírico consegue observar as ações da menina de perto e, a partir disso, descrever o desejo dela. A pequena dançarina realiza os movimentos com fluidez.

Para além de uma simples idealização, é também uma realização, pois a cada gesto, passo e compasso, sorri de olhos fechados, satisfeita. Enfeita-se com uma estrela e um véu como se estivesse

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

em um espetáculo, apresentando-se para muitos espectadores. Assim, a pequena menina fica nas pontas dos dedos ao som das notas musicais: dó, ré, mi, fá, lá e si. Girando, girando sem parar.

Imitando o eu lírico do poema, a constelação de estrelas, as nuvens e o céu contemplam a menina dançando. Quando não está nas pontinhas dos pés e com os bracinhos no ar, ela dorme com a certeza de um sonho possível de se realizar estando desperta:

A bailarina

Esta menina
tão pequenina
quer ser bailarina.

Não conhece nem dó nem ré
mas sabe ficar na ponta do pé.

Não conhece nem mi nem fá
mas inclina o corpo para cá e para lá.

Não conhece nem lá nem si,
mas fecha os olhos e sorri.

Roda, roda, roda com os bracinhos no ar
e não fica tonta nem sai do lugar.

Põe no cabelo uma estrela e um véu
e diz que caiu do céu.

Esta menina
tão pequenina
quer ser bailarina.

Mas depois esquece todas as danças,
e também quer dormir como as outras crianças.
(MEIRELES, 2012, p. 17)

Vê-se ao longo do primeiro verso da segunda, terceira e quarta estrofes poucas alterações, o que lhes garante uma estrutura paralelística, cujo sentido se constrói por oposições materializadas em

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

orações adversativas: “Não conhece nem dó nem ré / mas sabe ficar na ponta do pé. / Não conhece nem mi nem fá / mas inclina o corpo para cá e para lá. / Não conhece nem lá nem si, mas fecha os olhos e sorri”.

Ainda que sujeita a este jogo de oposições, a felicidade é garantida na dança. No movimento de girar mais de uma vez, remetendo ao balé e semelhantemente às caixinhas de música, que habitualmente contêm uma bailarina de brinquedo em seu interior. O objeto também gira inúmeras vezes e somente para de girar quando é fechado; no sentido figurado, ao fechar o objeto põe-se a boneca que rodopiava ao som da canção para dormir. Com isso, a repetição do verbo rodar leva o leitor a imediatamente trazer à memória o movimento giratório, seja realizado por uma bailarina real quando “Roda, roda, roda com os bracinhos no ar”, seja por meio da bailarina de brinquedo, rodopiante em sua caixinha de música.

É perceptível a sensibilidade da forma como a criança descortina o mundo e age sobre ele. O anseio dela reverbera no poema para o leitor e o atrai para dentro dos versos, fazendo-o querer dançar junto com a pequena bailarina. Tanto a figura da criança, quando a da articulação da dança e a da própria poética em si, transmitem a sensação de alegria e de realização. Isso reflete o ser/estado da infância, uma vez que, enquanto o adulto se entrega à fantasia e às danças apenas em ocasiões comemorativas, a criança não necessita de um dia específico ou data festiva. Para ela todo dia é um bom dia para brincar e, brincando, realizar suas mais profundas aspirações. Em outras palavras: “Imaginação e Vontade são dois aspectos de uma mesma força profunda. Sabe querer quem sabe imaginar. À imaginação que ilumina a vontade se une uma vontade de imaginar, de viver o que se imagina” (BACHELARD, 2001, p. 112).

Embora a palavra “sonho” não apareça no poema, o seu significado é implicado pelo desejo/sonho da bailarina explícito ao longo da repetição dos versos “quer ser bailarina”, respectivamente, nas últimas estrofes do primeiro e penúltimo verso. É interessante observar também que, acordada, aspira exercer a função de dançarina, todavia dormindo pode da mesma maneira fazê-lo, deixando a cargo do leitor preencher o que acontece com ela quando está em repouso.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Conforme Ferreira (2008), o sonho está presente no desejo da menina e pode estar no ato de dormir. Isso porque pode ser uma “sequência de fenômenos psíquicos, como imagens, ideias, atos, entre outros, que involuntariamente ocorrem no período do sono. Ou seja, é aquilo com que se sonha, bem como, de forma figurativa, uma fantasia, um desejo, ou ainda uma aspiração”.

O significado desse substantivo no dicionário ratifica a afirmação até aqui defendida, o qual ocorre tanto no estado desperto como no adormecido. Cecília Meireles reforça isso ao utilizar em sua construção poética o significado literal da palavra promovendo um “jogo com as palavras”. Isto é, um mesmo vocábulo sendo utilizado para atribuir múltiplos significados à leitura e à interpretação de um texto:

Há poetas que brincam com as palavras dum modo gostosíssimo de a criança ouvir e ler. Lidam com toda uma ludicidade verbal, sonora, às vezes musical, às vezes engraçada, no jeito como vão juntando palavras, fazendo com que se movam pela página quase como uma cantiga, e ao mesmo tempo jogando com os significados diferentes que uma mesma palavra possui (ABRAMOVICH, [1997] data provável, p. 67).

A ludicidade assinalada por Fanny Abramovich, do mesmo modo, é encontrada no poema “Sonhos da menina”. Neste poema, os questionamentos e as reflexões são introduzidos pelos três versos de abertura: “A flor com que a menina sonha / está no sonho? / ou na fronha?”. O leitor é conduzido a retomar interrogações semelhantes às do título do livro, que aqui poderia ser trocado pelos pronomes “este?” ou “aquele?”. Além disso, as perguntas servem de ponte entre o poema anterior e este, ligando toda a temática onírica do livro. Ligação é palavra-chave: além da relação de jogo das palavras, questionamentos e possibilidades de resposta, em última instância importa a ligação intrínseca do sonho à criança.

Isto ocorre tanto neste poema quanto nos outros de mesma temática. Os acontecimentos do sonho estão contidos no universo lúdico criados pela mente da menina a partir de tudo com que tem contato e deles nascem os fragmentos de memória. Tanto acordada, quanto em sono profundo, ela pode reproduzir tais cenas. A descrição do sonho relata que no princípio ela sonha com uma flor e no fim termina sonhando com uma lua. Não há informações acerca do nome da menina, ou de onde

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

mora, ou sobre a idade que possui, sabe-se somente que é portadora de sonhos. Nele(s) aparece(m) animais, objetos e pessoas em:

Sonhos da menina

A flor com que a menina sonha
está no sonho?
ou na fronha?

Sonho
risonho:

O vento sozinho
no seu carrinho.

De que tamanho
seria o rebanho?

A vizinha
apanha
a sombrinha
de teia de aranha...

Na lua há um ninho
de passarinho.

A lua com que a menina sonha
é o linho do sonho
ou a lua da fronha?
(MEIRELES, 2012, p. 20)

O poema mistura os pensamentos da menina com outros eventos, mesclando as camadas e as dimensões do sonhar quando se está dormindo. Interligados: o vento, a vizinha e a lua correspondem aos sonhos produzidos pela garotinha. No primeiro poema analisado, a menina aparece dançando no céu junto às nuvens e às estrelas; neste outro, ela repousa sua cabeça na fronha de imagens com

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

estrelas. O tema sonhar consta nos dois poemas, seja quando a menina está desperta, seja quando está dormindo.

Além desses dois, nota-se que em o poema “O sonho e a fronha” há uma similaridade nas palavras escolhidas e seus significados. A semelhança é observável logo na primeira estrofe: “Sonho risonho / na fronha de linho. / Na fronha de linho, / a flor sem espinho”. Os versos da segunda estrofe do poema “Sonhos da menina” são os mesmos de “O sonho e a fronha”, e isso cria uma continuidade entre um poema e o outro.

As similaridades e aproximações de alguns objetos e animais presentes no outro poema também estão neste: “fronha”, “flor”, “ninho de passarinho”, “rebanho” e “sombriinha de teia de aranha”. As particularidades dessas duas poéticas, para além disso, estão contidas nas terminações dos seus versos, sendo que em “O sonho e a fronha” há o acréscimo da terminação -enha, mas as restantes são iguais e a quarta estrofe é igual em ambas: “De que tamanho / seria o rebanho?”

Tendo em vista as semelhanças entre eles, o poeta não se preocupa em responder às indagações engendradas, ao contrário, brinca com as palavras e faculta ao leitor a tarefa de determinar o tamanho do rebanho e se os objetos flor e lua estão no sonho ou na fronha. Com isso, há no poema um predomínio do lúdico sobre a lógica. O universo criativo do devaneio sobrepõe-se para além de um sonho, tornando-se vários em um. Na gama de episódios, as camadas estão mescladas às dimensões do sonhar.

Os sonhos sempre se mantêm na esfera do plano mágico. São sonhos alegres, sonhos dentro de outros sonhos e sonhos que não cabem apenas em um poema, e por esse motivo precisam enveredar-se para mais versos, espalhando sonhos infantis por toda parte. Na crônica “Escolha o seu sonho”, Cecília Meireles destaca a importância do sonhar e de escolher o que se deseja vivenciar neste momento mágico:

Devíamos poder preparar os nossos sonhos como os artistas, as suas composições. Com a matéria sutil da noite e da nossa alma, devíamos poder construir essas pequenas obras-primas incommunicáveis, que, ainda menos que a rosa, duram apenas o instante em que vão sendo sonhadas, e logo se apagam sem outro vestígio que a nossa memória.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

E mais adiante, próximo do encerramento da crônica, ela declara:

Devíamos poder sonhar com as criaturas que nunca vimos e gostaríamos de ter visto: Alexandre, o Grande [...].

E sonhar com os que amamos e conhecemos, e estão perto ou longe, vivos ou mortos... Sonhar com eles no seu melhor momento, quando foram mais merecedores de amor imortal...

Ah!... – (que gostaria você de sonhar esta noite?) (MEIRELES, 2016, p. 100-101).

A resposta para esta pergunta derradeira, deixada no trecho acima, é encontrada em “O sonho e a fronha”. E, assim como o poema “Sonhos da menina” mostra combinações de ações despertas com ações adormecidas, nele há a alegria de poder sonhar, pois é um “Sonho risonho”. Vale destacar que, além do sujeito lírico estar feliz, ele escolhe onde repousar sua cabeça na aconchegante fronha de linho, que se torna para ele um ninho de passarinho. Portanto, não se deita sobre qualquer forma, nem sonha com más eventualidades.

O sonho e a fronha

Sonho risonho
na fronha de linho.
Na fronha de linho,
a flor sem espinho.

Apanho a lenha
para o vizinho.

E encontro o ninho
de passarinho.

De que tamanho
seria o rebanho?

Não há quem venha
pela montanha
com a minha sombrinha

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

de teia de aranha?

Sonho o meu sonho.
A flor sem espinho
também sonha
na fronha.

Na fronha de linho.
(MEIRELES, 2012, p. 47)

Conquanto não se determine quem sonha, se menino ou menina, a certeza que há é a de um sono tranquilo. Tais cenas são serenas, não causam dor nem espanto, pois misturam atividades cotidianas e imaginárias agradáveis. Além do misto do sonho real ao imaginário, há ainda o foco na brevidade, remetendo até certo ponto aos versos de “Sonho de Olga”.

Se nos outros três poemas não havia um nome específico, no próximo poema a indicação de quem será retratado consta no título. Esta aparição do nome de Olga se dá em nove dos vinte versos. O sonho mistura-se com as ocorrências rotineiras do mar, do sono e do céu. O sonho é breve como as ondas do mar que, rentes à beira da água, levam castelos de areia, brinquedos esquecidos e dizeres escritos nas extremidades da areia perto do mar.

Embora o mar tenha esse movimento constante de ir e vir em qualquer horário do dia, ele possui um tempo para executar o movimento, que é breve, pois necessita sair de um ponto e chegar a outro e, nessa ação, há um tempo para a execução. Em uma das passagens, o sujeito poético explicita essa questão quando declara que “Olga é a menina que o céu cavalga / em estrela breve”. Pode-se, então, afirmar que o sonho dela gira em torno dos movimentos, entre objetos reais e imaginários. Ademais, o sonho da menina é efêmero, assim como as ações realizadas pelos fenômenos naturais presentes na natureza e no universo onírico descritos em:

Sonho de Olga

A espuma escreve
com letras de alga

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

o sonho de Olga.

Olga é a menina que o céu cavalga
em estrela breve.

Olga é a menina que o céu afaga
e o seu cavalo em luz se afoga
e em céu se apaga.

A espuma espera
o sonho de Olga.

A estrela de Olga chama-se Alfa.
Alfa é o cavalo de estrela de Olga.

Quando amanhece, Olga desperta
e a espuma espera
o sonho de Olga,

a espuma escreve
com letras de alga
a cavalgada da estrela Alfa.

A espuma escreve com algas na água
o sonho de Olga...
(MEIRELES, 2012, p. 43)

O cenário do sonho de Olga é descrito pela espuma do mar, no entanto, não permanece somente no plano terreno/marinho, ele se envereda para o aéreo/céu. Nisso, reproduz as experiências humanas sob o efeito de dois polos: acontecimentos no estado desperto e no adormecido. Considerando isso, esse e os outros três poemas revelam os aspectos que envolvem o sono e perpetuam por meio da mensagem poética os devaneios do sonhar.

Todo ser é detentor de metas, planos e desejos que podem ser realizáveis no plano desperto ou entregue ao sono. Os textos analisados mostram que há duas maneiras de sonhar: aquela que é fabricada na mente durante o sono e a que é produzida quando se está acordado.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Considerações finais

Os quatro poemas, “A bailarina”, “Sonhos da menina”, “O sonho e a fronha” e “Sonho de Olga”, despertam no leitor o anseio por viver sonhos, o desejo de realizá-los e a vontade de voltar a ser criança. Compartilhar dos pequenos delírios mágicos entrelaçados ora no real ora no devaneio, que trazem encantamento ao que nele nasce imagetivamente. Conforme assinala Leodegário Filho (1970), “o universo dos infantes, quando comparado ao dos poetas, denota muitas semelhanças”. Os sonhos, a subjetividade, a fase dos questionamentos e da fabulação fazem-se presentes tanto em um como em outro. Escrever para esse público requer a alma de artista, de poeta.

Para ter a alma de artista, como destaca Filho, é preciso dar asas à imaginação e permitir deixar-se viajar. Somente deste modo é possível experimentar o que Gaston Bachelard intitula de movimento da imaginação:

Um verdadeiro poeta não se satisfaz com essa imaginação evasiva. Quer que a imaginação seja uma *viagem*. Cada poeta nos deve, pois, seu *convite à viagem*. Por esse convite receberemos, em nosso ser íntimo, um doce impulso, o impulso que nos abala, que põe em marcha o devaneio salutar, o devaneio verdadeiramente dinâmico. Se for bem escolhida, a imagem inicial se revelará como um impulso para um sonho poético bem definido, para uma vida imaginária que terá verdadeiras leis de imagens sucessivas, um verdadeiro sentido vital. As imagens postas em série pelo *convite à viagem* adquirirão em sua ordem bem escolhida uma vivacidade especial que nos permitirá designar [...] um *movimento da imaginação*. Esse movimento não será uma simples metáfora. Nós o experimentaremos efetivamente em nós mesmos, quase sempre como um alívio, como uma facilidade para imaginar imagens anexas, como um ardor em perseguir o sonho encantador. Um belo poema é um ópio ou um álcool. É um alimento nervino (BACHELARD, 2001, p. 4).

Com isso, o sonho nunca termina e a poética também não: ambos nascem, renascem, desconstroem-se, reconstroem-se novamente em sonhos, metas e planos no poeta que escreve e sonha e, de igual forma, no leitor que pereniza o sonhar, a fantasia e a realidade de quem com a aspiração de uma criança não deixa de sonhar, seja acordado ou dormindo, como consta nos quatro poemas de Cecília Meireles.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Referências

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil**: Gostosuras e Bobices. São Paulo: Scipione. [1997?] data provável.

BACHELARD, Gaston. **O ar e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação do movimento. Tradução Antonio de Pádua Danesi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio**: o minidicionário da língua portuguesa. Coordenação de edição Marina Baird Ferreira, equipe de lexicografia Margarida dos Anjos. 7. ed. Curitiba: Positivo, 2008.

FILHO, Leodegário Amarante de Azevedo. **Poesia e Estilo de Cecília Meireles**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympo, 1970.

JOUE, Vincent. **A leitura**. Tradução Brigitte Hervot. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

MEIRELES, Cecília. **Escolha o seu sonho**. Coordenação André Seffrin; apresentação Myriam Fraga. 4. ed. São Paulo: Global, 2016.

MEIRELES, Cecília. **Ou isto ou aquilo**. Organização Walmir Ayala, ilustração Odilon Moraes. 7. ed. São Paulo: Global, 2012.